

---

# terra roxa

## e outras terras

Revista de Estudos Literários

---

### NA ESTEIRA DOS HOMENS SEM SOMBRA: UMA LEITURA DE “O PESCADOR E SUA ALMA”, DE OSCAR WILDE

Adilson dos Santos (UEL)  
adilson.letras@yahoo.com.br

RESUMO: Objetiva-se apresentar uma leitura do conto “O pescador e sua alma”, de Oscar Wilde, sob a perspectiva do duplo. A narrativa de Wilde retoma um tema cujas raízes se encontram na consciência mitológica de povos antigos: o da sombra enquanto personificação ou equivalente da alma humana. Neste conto, a separação entre corpo e sombra/alma acarretará graves consequências para o protagonista: um jovem pescador, pertencente ao universo judaico-cristão, que se apaixonará por uma sereia, um ser provindo do universo mitológico pagão.

PALAVRAS-CHAVE: Oscar Wilde; conto; duplo; sombra

*Já se ouviu falar alguma vez de uma sombra que  
tenha desistido de seu dono?*  
Adelbert von Chamisso

#### O DOPPELGÄNGER

Presente nas obras de arte desde a Antiguidade, o tema do duplo ganhou grande destaque nas produções literárias do século XIX, principalmente na literatura alemã. Segundo Nicole Fernandez Bravo, o termo consagrado pelo movimento do romantismo alemão para designá-lo “é o de *Doppelgänger*, cunhado por Jean-Paul Richter em 1796 e que se traduz por ‘duplo’, ‘segundo eu’. Significa literalmente ‘aquele que caminha do lado’, ‘companheiro de estrada’” (2000: 261). O que daí se depreende é que se trata de um tema dotado de um teor eminentemente psicológico.

Embora tenha sido bastante recorrente no citado período, as raízes do duplo encontram-se em épocas bem mais remotas, mais precisamente na consciência mitológica de povos antigos. Vasculhando as tradições folclóricas, etnográficas e míticas

desses povos e analisando tal material à luz da psicanálise, Otto Rank, um dos primeiros estudiosos do tema do *doppelgänger*, diz que a origem do duplo estaria intimamente ligada ao problema da morte que sempre angustiou homem. A consciência da efemeridade e finitude do Eu já atormentava o homem primitivo, razão pela qual se originou a crença na alma. Daí a cisão do indivíduo em duas partes: uma mortal e outra imortal. Para o homem primitivo, a parte imortal apareceria personificada na sua imagem. Não é de se estranhar que, com base nos estudos de folcloristas, Otto Rank (2013: 100-101) constata que, nas línguas de diversos povos, uma mesma palavra pode designar “sombra”, “espírito”, “alma”, “imagem”, “eco” e “reflexo”.

A manifestação desse misterioso duplo, porém, não ocorre apenas após a morte do sujeito. Em *O homem e a morte*, Edgar Morin assinala que o “duplo não é tanto a reprodução, a cópia conforme *post mortem* do indivíduo falecido: acompanha o vivo durante toda a sua existência, duplica-o, e este último sente-o, conhece-o, ouve-o e vê-o, por meio de uma experiência cotidiana e quatinocurna, nos seus sonhos, na sua sombra, no seu reflexo, no seu eco” (1988: 126). Daí os inúmeros tabus, superstições e presságios criados em torno de tais elementos e o medo de agredi-los.

No que toca, em particular, à sombra – matéria do presente estudo –, acreditava-se, por exemplo, que qualquer ferimento ou dano a ela causado atingiria o seu dono: “Em algumas aldeias alemãs, pisar na própria sombra é sinal de morte” (Rank 2013: 87-88). Nessa mesma direção, Otto Rank afirma que “segundo crenças indianas se aniquila um inimigo ferindo no coração sua imagem ou sombra” (2013: 91). Ainda conforme o autor, “os povos primitivos também evitam projetar suas sombras sobre um morto, um túmulo ou ataúde, e por isso os funerais acontecem, em muitos casos, à noite” (2013: 91-92).

## HISTÓRIAS DE “HOMENS SEM SOMBRA”

Estimulados pela significação dessa tradicional crença popular, Adelbert von Chamisso (1781-1838), com sua novela *A história maravilhosa de Peter Schlemihl* (1814), e Hans Christian Andersen (1805-1875), com seu conto “A sombra” (1847), deram vida aos chamados “homens sem sombra”. No que tange ao primeiro, a novela de Chamisso conta a história de um indivíduo, Peter Schlemihl, que, insatisfeito com a sua condição social, dá ao diabo – textualmente apresentado como o “homem da casaca cinza” (Chamisso 2003: 33) –, em troca da bolsa mágica da fortuna, a sua sombra. Assim que se realiza o pacto diabólico, diz o narrador:

Ele apertou minha mão, ajoelhou-se resoluto à minha frente e eu vi como ele, com admirável habilidade, foi desprendendo suavemente minha sombra da relva, começando pela cabeça e indo até os pés; e, por fim, depois de enrolá-la e dobrá-la toda, guardou-a em seu bolso. Então se levantou, inclinou-se mais uma vez diante de mim e retirou-se [...]. A mim pareceu-me tê-lo ouvido rir baixinho, de si para si. Eu, todavia, segurava firmemente a bolsa pelos seus cordões; ao

meu redor a terra estava toda ensolarada e eu ainda não tinha noção de nada.  
(Chamisso 2003: 39-41)

O pacto garante-lhe riqueza, mas não a consideração e a honra que tanto desejava. Pelo contrário, a perda da sombra acarretará a perda da identidade individual e social bem como da estabilidade. De acordo com Nicole Fernandez Bravo, “a sombra é o símbolo da aparência, que o homem rico não seria capaz de dispensar: aquele com uma bela barriga, o burguês, é o que projeta a mais bela sombra. [...] O dinheiro de nada adianta se não se acompanhar dos signos que o sugerem” (2000: 269). Não é sem razão que o mefistofélico homem de cinza lhe diz: “Eu o mantenho preso pela sombra [...] e o senhor não vai se livrar de mim. Um homem rico como o senhor precisa de uma sombra, isto não pode ser diferente. O único ponto que o senhor pode ser criticado é que não percebeu isso antes” (Chamisso 2003: 102).

Desse modo, Peter Schlemihl torna-se motivo de escárnio, escândalo e desprezo. Esta situação o leva, até mesmo, a renunciar àquela que ama, Mina. Temendo as reações populares, ele evita sair durante o dia e, também, à noite. Não consegue sequer fixar residência e seu espírito é perseguido pela loucura. Após um ano, o diabo propõe-lhe, então, um novo pacto: restituir-lhe-ia a sombra contanto que assinasse um documento, no qual lhe daria a alma depois que essa, naturalmente, se separasse de seu corpo. Schlemihl recusa a oferta e, mesmo ignorando qual seria o seu desfecho, acaba por aceitar a condição de homem sem sombra, dotado de existência incompleta, e apartado de todos.

Propositalmente escrito como contraste à história de Chamisso, na qual a figura da sombra é apresentada enquanto ser sem ação sob o domínio de um diabólico homem de cinza, o conto “A sombra” (1847), de Hans Christian Andersen, descreve a vida de um indivíduo dominado pelos caprichos de sua diabólica sombra. Em um país tropical, um sábio vive uma experiência extraordinária. Em virtude da luz de uma vela, sua sombra vai parar no outro lado da rua, na parede da casa de uma bela jovem. Num momento de brincadeira, ele manda a própria sombra entrar na casa em questão, o que de fato ocorre sem que ele o perceba. O objetivo era que ela desse uma olhada e, às suas ordens, voltasse para relatar o que foi visto. Contudo, no dia seguinte, constatada que está sem sombra.

Esta situação ocasionará graves consequências para o protagonista. Passados alguns anos, sua sombra, agora autônoma e convertida num homem rico e poderoso, aparece-lhe à porta: “Senti certa vontade de vê-lo mais uma vez antes de você morrer – o que, suponho, vai acontecer” (Andersen 2006: 384). Ao erudito, preocupado em escrever sobre o Verdadeiro, o Bem e o Belo, a antiga sombra explica o que aconteceu na ocasião de sua separação. De acordo com ela, a moradora da casa do outro lado da rua “era a Poesia em pessoa”. Tendo lá vivido de forma oculta por “três semanas, [...] foi como se tivesse morado três mil anos, lendo tudo que já foi escrito” (Andersen 2006: 385). No entanto, o aprendizado por ela obtido e a transformação nela operada não foram positivos. Fora do recinto da Poesia, ela se deixou moldar pelo lado vil dos indivíduos com os quais se deparou e, dessa vivência, tirou proveito:

Vi onde ninguém pode ver. Vi o que ninguém poderia, ou deveria, ver. Considerando tudo, é um mundo vil. [...] Vi os mais incríveis comportamentos em meio a homens e mulheres, pais e mães, e a essas ‘gracinhas’ de crianças. Vi o que ninguém conhece mas gostaria de conhecer, e todas essas baixezas se repetiam de porta em porta. [...] Preferi tirar partido de minha clarividência e, por intermédio de carta pessoal, dei a conhecer às pessoas que sabia de suas faltas. Onde quer que eu passasse, vivia-se em sobressaltos terríveis; era detestado como a morte mas, pela frente, mimavam-me, faziam festa, me cumulavam de magníficos presentes e honras. [...] Eu me deixava levar; assim é que me tornei o personagem que você está vendo. (Andersen 2006: 387)

Diz a antiga sombra que, apesar de toda a mutação por ela vivida, sua barba ainda não estava crescendo como deveria. Ora, considerando-se a barba enquanto “sinal de sabedoria” e “de dignidade” (1997: 73), tal como Manfred Lurker expõe em seu *Dicionário de simbologia*, tal ausência estaria em consonância com o produto final de sua transformação.

Numa curiosa e gradativa mudança de papéis, ambos retornam ao convívio: o senhor, inocentemente agindo como um servo, servindo-lhe de sombra; e a pérfida sombra fazendo as vezes de amo. Assim dito, o reencontro com a sombra torna-se, pois, uma espécie de condenação. Esta passa a persegui-lo e, por ocasião da possibilidade de se casar com a filha de um rei, oferece-lhe uma grande soma de dinheiro para que ele assuma, de vez, o papel de sombra. Se, em Chamisso, a sombra constitui um produto passível de venda, sendo, inclusive, transferida para as mãos de outro dono, em Andersen, é a sombra quem procura comprar o próprio dono. Nesse caso, porém, o sábio revolta-se contra tal proposta. Todavia, não obstante os seus esforços para desmascará-la, quem triunfará é o mal. Momentos antes do casamento, ela o destrói e assume-lhe a posição.

Publicado em novembro de 1891, o conto “O pescador e sua alma”, do escritor irlandês Oscar Wilde (1854-1900), filia-se a essa tradição. No ano anterior, o autor já havia se enveredado pelo território do duplo através de sua obra *O retrato de Dorian Gray*. Neste romance, a personificação do duplo se dá através de uma entidade ficcional não humana: a efígie gravada na tela. Dorian Gray, jovem e dotado de uma rara beleza, ao contemplar pela primeira vez, seu duplo magnífico, um retrato pintado por Basil Hallward, apaixona-se por sua imagem e manifesta um desejo que adquirirá uma força mágica: “Como é triste! Tornar-me-ei velho, horrível, espantoso. Mas este retrato permanecerá sempre jovem. [...] Se ocorresse o contrário! Se eu ficasse sempre jovem; e se este retrato envelhecesse! Por isso, daria tudo! [...] Daria até a minha própria alma!” (Wilde 2003: 75). A partir de então, o protagonista se livra do processo de envelhecimento. Porém, atuando como um espelho de sua alma, imagem visível da consciência e uma espécie de advertência, o retrato começará a se transformar, revelando nas suas alterações formais toda a sua decadência moral.

Em “O pescador e sua alma”, embora o tratamento do tema do *doppelgänger* seja distinto daquele dado em *O Retrato de Dorian Gray*, corpo e alma serão igualmente separados no decorrer da narrativa. Entretanto, tal efetivação se dará, conforme dito,

na esteira dos contos anteriormente mencionados, ou seja, o duplo será representado na figura da sombra tornada independente.

Resumidamente, o conto de Oscar Wilde trata de uma história de amor: um jovem pescador apaixonou-se perdidamente por uma sereia. Conforme veremos, à primeira vista, a narrativa de Wilde nos remete ao famoso conto de fadas “A pequena sereia” (1836), de Hans Christian Andersen. Assim sendo, antes de proceder à análise de “O pescador e sua alma”, cumpre fazer alguns apontamentos acerca da narrativa de Andersen.

### **“A PEQUENA SEREIA”: “EU ME ATREVERIA A TUDO PARA CONQUISTÁ-LO E POSSUIR UMA ALMA IMORTAL”**

Considerando-se uma longa tradição, a heroína de “A pequena sereia” apresenta, dentre os atributos que cristalizaram a figura da sereia no imaginário coletivo, três características bem definidas: cauda de peixe, beleza física e bela voz. É sabido que, originalmente, a sereia não possuía cauda de peixe. Tal modificação, de origem nórdica, deu-se posteriormente. Inicialmente, uma parte de seu corpo era constituída de cabeça e tronco de mulher e a outra de pássaro. Reza uma variante da mitologia grega que as filhas do deus-rio Aqueloo foram destituídas de sua “esfuziante beleza” por Afrodite, “pelo fato de as mesmas desprezarem os prazeres do amor. [...] Desejavam o prazer, mas, não podendo usufruí-lo, atraíam e prendiam os homens para devorá-los” (Brandão 1991: 375-376). Segundo consta, para seduzir os marujos que costeavam a ilha que habitavam, elas se utilizavam de um canto altamente sedutor e sobrenatural. Já no que se refere à sereia de tradição nórdica, metade mulher metade peixe, diz a tradição que sua arma de sedução residia não apenas na voz, mas, igualmente, na sua extraordinária beleza.

A natureza da sereiazinha de Andersen não é malévola nem mortífera, como faria supor sua espécie. Pelo contrário, trata-se de um ser disposto a perder a própria identidade para atingir seus dois maiores desejos: conquistar o amor de um jovem príncipe que salvara de um afogamento e obter uma alma imortal. Lê-se no conto que, desde muito jovem, “não havia prazer maior para a princesinha do que ouvir sobre o mundo dos homens acima do mar” (Andersen 1992: 23). Assim que completa quinze anos, ela ganha permissão para subir à superfície. É nessa ocasião que ela livra o príncipe da morte e, com os próprios olhos, vislumbra o mundo dos humanos. Ao retornar e indagar a avó sobre a diferença entre as sereias e as pessoas no que se refere à questão da morte, ela faz a seguinte descoberta:

- Sim [...] também elas [as pessoas] precisam morrer, e sua vida é ainda mais curta que a nossa. Podemos viver trezentos anos, mas, quando deixamos de existir nos transformamos em espuma na superfície da água, e nem ao menos nos dão uma sepultura entre os nossos entes queridos. Não temos uma alma imortal, tampouco outra vida para viver; somos como algas, que, uma vez

cortadas, nunca mais tornarão a viçar. Os homens, ao contrário, têm uma alma que vive eternamente; que vive para sempre depois que o corpo se transforma em pó. Ela sobe para os límpidos ares, até as estrelas refulgentes! (Andersen 1992: 33).

É ainda por intermédio da avó que ela descobre que o único modo de se conquistar uma alma imortal seria através do sacramento do matrimônio. Apaixonada pelo príncipe e empenhada na conquista de uma alma, ela procura, então, a feiticeira do mar com o intuito de ganhar a forma humana. Mesmo advertida pela bruxa de que tal mudança não poderia ser desfeita e de que um possível casamento do príncipe com outra mulher resultaria na sua transformação em espuma, a pequena sereia, em troca de sua voz, recebe a poção mágica que fará sua cauda de peixe se transmutar num belo par de pernas.

O feitiço irá dotá-la de gracioso andar e da arte da dança, porém, ela não conseguirá despertar o amor do príncipe. Acontece que, ao lhe cortarem a língua, destituíram-na daquele que seria seu instrumento intrínseco de sedução. Sem poder se expressar por meio de palavras e da própria música, ela verá o príncipe se casar com a moça que ele, ignorando a verdade, julgava tê-lo salvo.

Preocupadas com o desfecho da protagonista, suas irmãs recorrerão à feiticeira do mar e, em troca de seus cabelos, conseguirão uma última forma de salvá-la: “Deu-nos ela uma faca: ei-la aqui. Vê como é afiada! Antes que o sol nasça deverás enfiá-la no coração do príncipe; e quando o seu tépido sangue escorrer em teus pés, estes novamente se transformarão em cauda de peixe, e tu voltarás a ser sereia...” (Andersen 1992: 47).

Diante do casal, recolhido ao leito nupcial, ela não terá coragem de proceder ao sacrifício e assumirá o próprio destino, lançando-se ao mar. Todavia, em função desse nobre gesto, seu fim não será a transformação em espuma, mas em ser celestial: “Tu, pobre sereiazinha, lutaste de todo o coração pelo objetivo que perseguimos: sofreste e aguentaste; e pelas boas obras te elevaste por ti mesma ao mundo dos espíritos, onde podes ganhar, após trezentos anos, uma alma imortal” (Andersen 1992: 49).

#### **“O PESCADOR E SUA ALMA”: “POR SEU CORPO EU DARIA MINHA ALMA. POR SEU AMOR ABRIRIA MÃO DO CÉU”**

Diferentemente de “A pequena sereia”, no conto de Oscar Wilde, a alma humana não constitui um objeto de desejo, mas um empecilho à realização amorosa, sendo necessário ao protagonista separar-se de sua parte imortal, consubstanciada na sua sombra. A concretização de tal ação nos faz supor que o escritor irlandês, para dar vida à sua obra, inspirou-se igualmente em outra narrativa de Hans Christian Andersen, ou seja, no já mencionado conto “A sombra”. À medida que formos avançando na análise de “O pescador e sua alma”, tais pontos de contato ficarão mais evidentes.

No conto de Oscar Wilde, do ponto de vista espacial, existem dois mundos bastante distintos: o mundo da terra, habitado pelos humanos; e o mundo das águas, habitado pelas criaturas do mar. Não necessariamente atrelados ao elemento espaço, existem igualmente dois outros universos bem abalizados: o universo judaico-cristão e o universo mitológico pagão. Tais divisões correspondem aos núcleos ocupados por cada um dos integrantes do par romântico: um Jovem Pescador e sua amada Sereia.

O conto tem início com a seguinte afirmação: “Todas as tardes o Jovem Pescador saía ao mar e jogava suas redes na água” (Wilde 2008: 114). Segundo o narrador, certa vez, ao puxar a pesada rede, ele se deparou com uma situação extraordinária: em vez de peixe, havia uma pequena sereia profundamente adormecida: “Tão linda ela era que, ao vê-la, o Jovem Pescador ficou totalmente arrebatado” (2008: 115).

Fisgado pelo próprio peixe, o Jovem Pescador a toma em seus braços. Contudo, tal qual a sereia de Andersen, a de Oscar Wilde é filha de um rei viúvo e, com esse argumento, suplica pela própria libertação. Entretanto, esta somente acontece após jurar, “com a palavra sagrada das Criaturas do Mar” (2008: 115), que, ao chamamento do pescador, sempre viria à superfície para entoar o seu canto e, assim, favorecer a pesca.

Em cumprimento ao combinado, todas “todas as tardes o Jovem Pescador saía ao mar a chamar a Sereia; ela surgia da água e cantava para ele” (2008: 115). Encantados com sua voz, os peixes que subiam das profundezas para escutá-la eram capturados pelo pescador. Gradativamente, porém, a doce melodia de seu canto desperta a paixão do Jovem. Como que sob efeito de ação mágica, ele se desinteressa das redes e da pesca. Com exceção da Sereia, nada mais lhe importa. Lê-se no conto que,

[...] certa tarde, ele a chamou e confessou:

- Pequena Sereia, minha Pequena Sereia, te adoro. Aceita-me como teu marido [...].

Mas a Sereia balançou a cabeça.

- Tens uma alma humana - disse. - Se te libertares de tua alma, então poderei te amar.

Naquele momento o Jovem Pescador pensou consigo mesmo: de que me serve a alma? Não posso vê-la. Não posso tocá-la. Não a conheço. Com certeza dela me libertarei, e desfrutarei de muitos prazeres. (2008: 117)

Ao contrário da história de Andersen, no conto de Oscar Wilde, a possibilidade de reciprocidade afetiva é explicitamente maior. No entanto, considerando-se o fato de que as criaturas do mar não possuem alma, a ele é dada uma escolha: a alma imortal ou o seu amor. A união desses dois elementos só seria possível se o trajeto a ser efetivado fosse aquele de “A pequena sereia”. A heroína de Andersen, metade mulher metade peixe, objetivando deixar o universo mitológico pagão e passar para o universo judaico-cristão, livra-se de parte essencial de sua constituição: através da

bruxa, perde a cauda e o melódico canto. Caso fosse bem sucedida, além da forma carnal humana e do amor do príncipe, conquistaria igualmente uma alma imortal. Já no caso de “O pescador e sua alma”, o trajeto é inverso. Ele faz parte de um universo religioso que entende o homem enquanto ser dotado de corpo e alma. Desse modo, para adentrar o mundo das águas e o universo mitológico pagão e, assim, conquistar o amor da sereia, também seria necessária uma transmutação efetivada a partir de uma mutilação.

Decidido pela segunda opção, o Jovem Pescador procura, então, descobrir uma forma de se separar de sua parte imortal. Primeiramente, ele procura um padre, mas não obtém sucesso. Para o sacerdote, tal ação constitui um pecado para o qual não existe perdão, visto que “a alma é a parte mais nobre do homem, foi-nos dada por Deus para que a usemos com dignidade. Não há nada mais precioso do que a alma humana, nada secular pode a ela ser comparado” (2008: 118). Nesse sentido, a concretização de uma união dessa natureza não caberia nos parâmetros da religião. Como se isso não bastasse, seu objeto de desejo carrega o peso da maldição. Nas palavras do sacerdote, as criaturas do mar “são perdidas, e aqueles que com elas convivem são perdidos também. Elas são como as bestas do campo: não discernem entre o bem e o mal. Não foi por elas que o Senhor Nosso Deus morreu” (2008: 118).

Aos olhos do sacerdote e do ponto de vista do segmento por ele representado, as sereias personificam os desejos mundanos, as ilusões da paixão, e, por isso, seriam portadoras da morte. Elas só cantam para encantar e destruir. Nesse sentido, o Jovem Pescador deveria lutar para não ceder à sedução letal do seu chamado, uma vez que a alma imortal, o eixo vital do homem, superaria em importância a satisfação do desejo carnal. O próprio sacerdote diz já ter se deparado com as emboscas oriundas de tais seres:

- O amor do corpo é vil [...] e vis e más são essas coisas pagãs que Deus em sofrimento permite vagarem em Seu mundo. [...] Já as escutei à noite, tentando afastar-me de minhas preces. Batem em minha janela e riem. Sussurram em meus ouvidos perigosas histórias de alegria e prazer. Tentam fazer-me cair em tentação e, quando tento rezar, fazem caretas. (2008: 119)

Tendo saído da casa paroquial sem resposta e a benção do padre, o Jovem Pescador, com seu firme propósito, vai, então, ao encontro dos mercadores. Mais uma vez, não obtém êxito. Indagado por eles se teria algo a vender, ele lhes oferece a própria alma. Em resposta, ouve uma afirmação que destoa totalmente do discurso recentemente ouvido, o que lhe deixa confuso: “Que uso tem a alma de um homem para nós? Não vale um centavo. Vende-nos teu corpo como escravo [...]. Mas nada de falar em alma, para nós não vale a pena, tampouco tem ela qualquer valor para nossos negócios” (2008: 119-120).

A exemplo do que ocorre em “A pequena sereia”, no conto de Wilde, o protagonista, como última tentativa, procura obter ajuda de uma jovem bruxa, localmente famosa pela maldade e eficácia de seus feitiços. Se, com o representante de Deus,

não fora possível descobrir uma maneira de se desvencilhar de sua alma, talvez, com a serva do diabo, tivesse mais sorte. Inicialmente, a reação da bruxa diante do pedido do Jovem se assemelha à do padre. Diz o narrador que ela “empalideceu, espantada, e tremendo ocultou o rosto em seu manto azul” (2008: 121), pois sabia que todo tratamento dado à alma resultaria em recompensas eternas ou em perdição total.

Disposto a pagar qualquer preço, o Jovem aceita a proposta da bruxa: na noite do Sabbath, dança com ela no cume de uma montanha. Chegado o momento, ambos se entregam a uma dança vertiginosa, parando somente no momento dedicado à adoração do Maligno. Neste instante, involuntariamente, o protagonista faz o sinal da cruz, invocando o sagrado nome de Deus, e destrói o festim das bruxas. Diz o narrador que, “mal o havia feito e as bruxas começaram a guinchar como falcões, alçando voo de pronto” (2008: 125). Antes, porém, que a feiticeira fugisse com as demais, ele exige o pagamento. A contragosto, ela lhe entrega uma pequena faca, com cabo de pele de víbora verde, e lhe diz:

- Aquilo que os homens chamam de sombra de seus corpos não é a sombra de seus corpos, mas o corpo da alma. Põe-te de pé à beira do mar, de costas para a lua, e corta ao redor de teus pés tua sombra, que nada mais é que o corpo de tua alma. Roga, então, que tua alma te deixe, e ela o fará. (2008: 126)

Até este momento, o protagonista que, por três vezes na narrativa, havia alegado não enxergar, tocar e conhecer a própria alma, ouve, pela primeira vez, a voz de seu *alter ego* implorando por sua compaixão. Diante do resolute senhor, ela ainda faz um último pedido: “Se em verdade desejas te livrar de mim, não me mandes embora sem um coração. O mundo é cruel, dá-me teu coração para que o leve comigo”. Porém, nem isso ela consegue: “Como poderia amar aquela por quem tenho afeição, caso te dê meu coração? [...] Vai-te, não preciso de ti” (2008: 127).

Num ato de automutilação, lembrando o suicídio de Dorian Gray, ele pega a pequena faca e corta a sombra ao redor dos pés. Logo em seguida, “a Alma ergueu-se, deteu-se diante dele olhando-o impassível: era a sua própria imagem e semelhança” (2008: 127-128). Com esse ato, o protagonista rompe com suas raízes judaico-cristãs e o corpo de sua alma, desprendido do Eu e tornado visível e independente – tal como no conto “A sombra”, de Hans Christian Andersen –, sai a vagarear pelos charcos. Já o Jovem Pescador parte para o fundo do mar, onde, por apenas um curto período de tempo, conseguirá realizar seu desejo, uma vez que graves consequências aguardam aquele que se desfaz da própria sombra.

Acontece que, disposta a recuperar a antiga morada, ou melhor, a novamente compor unidade com sua outra metade, a abandonada alma, por três vezes consecutivas, uma a cada ano, regressará e tentará aliciá-lo. Na primeira vez, transcorrido exatamente um ano desde a separação, ela dirá: “Quando te deixei, segui para o Oriente [...]. É do Oriente a origem da sabedoria” (2008: 128). Lá, para ser aceita por um grupo de mercadores em viagem, recorreu à mentira, dizendo que, em sua terra natal, era um príncipe e que estava fugindo dos tártaros. Por meio desse grupo, ela

conheceu várias paisagens e passou por fabulosas aventuras. Porém, o que mais a interessou foi um espelho redondo de metal que ela roubou do altar de um templo. Segundo consta, trata-se do “Espelho da Sabedoria. Reflete tudo o que há no céu e na terra; não reflete, porém, o rosto do homem que nele se mirar. [...] Aqueles que possuem este espelho aqui tudo conhecem, nada lhes pode ser escondido” (2008: 134). De posse desse objeto mágico, ela procura, então, seduzi-lo: “Permite tornar-me parte de ti novamente e ser tua serva, serás o mais sábio de todos os homens, a Sabedoria será tua” (2008: 134). Todavia, aos olhos do Jovem Pescador, o amor é melhor que a sabedoria e a Sereia o ama.

Na segunda vez, ao retornar dos charcos, ela dirá: “Quando te deixei, rumei ao Sul e viajei. É do Sul que vem tudo o que é precioso” (2008: 135). Para entrar na cidade de Ashter, ela, falsamente, afirmou aos guardiões que era um religioso a caminho de Meca. Nesta cidade, a sombra se deparou com a curiosa dinâmica de vida de seus habitantes. Todavia, o objeto que mais aguçou seu desejo foi o Anel das Riquezas, o qual usurpou de um Jovem Imperador. Em poder desse anel, ela procura, então, novamente seduzi-lo, dizendo-lhe: “Aquele que possuir o anel será o mais rico dos reis. Portanto, vem comigo, toma-o e todas as riquezas do mundo serão tuas” (2008: 141). Contudo, mais uma vez, o bem oferecido não será suficiente, pois, para o Jovem Pescador, o amor é mais precioso que as riquezas e a Sereia o ama.

Na terceira e última vez, a sorte da sombra será outra. De volta dos charcos, ela dirá: “Conheci uma cidade [a apenas um dia de viagem daqui] onde há uma taberna na beira de um rio” (2008: 141). Nessa taberna, há uma jovem dançarina dotada de lindas pernas. De acordo com o narrador, “ao ouvir tais palavras [...], o Jovem Pescador lembrou-se que a Pequena Sereia não tinha pés. Jamais poderia, portanto, dançar” (2008: 142). Assim, tomado pelo desejo, ele não resiste às solicitações de sua alma, sai do mar e abre-lhe os braços, permitindo a reunificação. Para sua infelicidade, a partir desse momento, o *alter ego* – já metamorfoseado em criatura corrupta e pernicioso, tal qual a sombra de Andersen – passará a dominá-lo, punindo-o por tê-lo abandonado sem um coração.

Com esse intuito, em vez de levá-lo à cidade da dançarina e satisfazer a tentação suprema do Jovem Pescador, a alma, com sua “voz baixa, semelhante ao som de uma flauta” (2008: 128), o conduzirá a outros lugares e o levará, mediante ordens diretas, a cometer os seguintes crimes: furto de uma taça de prata, violência física gratuita contra uma criança inocente e desconhecida e tentativa de assassinato de seu benfeitor seguida de roubo. Em todas essas situações, o protagonista agirá como se não tivesse qualquer espécie de controle sobre suas ações.

Transpondo para o domínio da vida interior, poder-se-ia dizer que, em diferentes graus de intensidade, as tentações sofridas pelo Jovem Pescador nos campos da sabedoria, das riquezas e da sensualidade, bem como as atrocidades cometidas por estímulo da sombra, seriam manifestações de sua face mais vergonhosa e duramente reprimida. Ao pôr em liberdade a própria alma, visualmente materializada na figura da sombra, ele teria, na verdade, trazido à tona as trevas de seu inconsciente, o lado

mais ameaçador de sua existência. O que ele não esperava era que este outro Eu oculto ficasse, gradativamente, mais forte e, durante certo período, incontrolável.

Após agir em conformidade com os desígnios de sua sombria contraparte, o Jovem pescador cai em si, apercebendo-se, tarde demais, que o amor é também superior aos prazeres carnis e “mais belo que os pés das filhas dos homens” (2008: 150). Ciente disso, resolve, então, mais uma vez, abandoná-la. Todavia, descobre, através dos lábios de sua incômoda perseguidora, que o feitiço prescrito pela bruxa não mais funcionará: “Apenas uma vez na vida pode um homem libertar-se de sua Alma, e àquele que a receber de volta é imposta a obrigação de com ela para sempre conviver; é esse o seu castigo e recompensa” (2008: 146).

Mesmo informado acerca do eterno convívio com o duplo, o Jovem Pescador lhe diz:

Amarro minhas mãos para não obedecer-te, cerro meus lábios para tuas palavras não dizer, retorno para onde vive aquela a quem amo. Até mesmo ao mar eu retorno, também para a pequena baía onde ela cantava eu regresso, chamo por ela, conto o mal que fiz e falo do mal a mim por ti impingido (2008: 147).

Apesar de seus esforços, a felicidade gozada durante os três anos de convívio com a amada não mais retornará. Consumido de amor pela Sereia, o protagonista empreende uma viagem de volta à costa, onde a companheira costumava cantar. Por dois anos, sem cessar, ele chama por seu nome, mas não obtém resposta. Durante esse tempo, a única voz que se faz ouvir é a de seu duplo, tentando-o com o mal, por meio de convites para desfrutar a vida no “Vale dos Prazeres” (2008: 148), e com o bem, convidando-o a combater os sofrimentos dos menos favorecidos da sociedade. No entanto, lê-se no conto que, os esforços da alma para perturbar a vida de seu Eu original fracassam, o que significa dizer que, embora tivesse reavido o corpo ao qual pertencera, não conseguira, na prática, recobrar nenhum espaço no coração do Jovem Pescador.

Num momento de compaixão, o protagonista resolve, então, abrir as portas de seu coração para a alma. Ele reconhece que, ao privá-la desse bem, além de fazê-la sofrer, tornou-a vulnerável à ação mal. Em outras palavras, a jornada fora do corpo e dos limites de seu coração a transformou numa alma viciosa. Contudo, o amor pela Sereia é tão pleno e intenso que, mesmo com sua permissão, ela não consegue reentrar. É precisamente neste momento que, após se ouvir um grito de dor, o mar deposita na praia o corpo sem vida da Pequena Sereia e sela, de uma vez por todas, as esperanças do Jovem Pescador. Ao cadáver da amada, ele confessa sua amarga história. Em seguida, decidido a morrer, toma-o em seus braços e se dirige ao mar. Segundo o narrador, “ao perceber a proximidade do fim, beijou com loucura os frios lábios da Pequena Sereia. Devido à plenitude de seu amor, partiu-se-lhe o coração, e a Alma encontrou, assim, forma de nele adentrar; tornaram-se um só, como antes. As ondas do mar, então, levaram o Jovem Pescador” (2008: 151). Como se pode obser-

var, enquanto na história de Hans Christian Andersen a diabólica sombra prevalece sobre o Eu original, em “O pescador e sua alma”, o mal não obtém vitória. Pelo contrário, reinstalada no coração amoroso do protagonista, a nefasta sombra encontra redenção.

No dia seguinte, chamado para abençoar o agitado mar, o sacerdote, ao se defrontar com os cadáveres do casal na praia, em vez de benzê-lo, opta por desferir palavras de execração:

O mar não abençoarei, nem nada que nele há. Malditas sejam as Criaturas do Mar, malditos sejam aqueles que com elas convivem. Quanto àquele que por secular amor o amor de Deus esqueceu, aqui estendido junto à amante, morto pelo julgamento de Deus, juntem-lhe o corpo de uma vez com o dela. Enterrem-nos no Campo dos Pisoadores, mas não coloquem nada sobre eles. Nenhum sinal há de marcar o local, para ninguém jamais perceber onde descansam. Amaldiçoados foram em vida, amaldiçoados na morte também serão. (2008: 151)

Passados três anos, durante a celebração de uma missa cuja pregação deveria versar sobre a cólera de Deus, o padre constata que o altar está decorado com flores brancas jamais vistas, dotadas de singular beleza e de doce perfume. Profundamente tocado por elas, seu sermão acaba por tomar outro rumo. Em vez de cólera, ele prega sobre a figura de um “Deus cujo nome é Amor”, tocando profundamente os fiéis ali presentes. Terminada a missa, para seu espanto, ele descobre que as admiráveis flores foram colhidas do Campo dos Pisoadores, o que nos faz pensar que o amor brevemente realizado no plano da vida encontrou continuidade no plano da morte.

Como se pode observar, em “O pescador e sua alma”, Oscar Wilde faz um tributo ao Amor. É por meio dele que se estabelece a paz e a conciliação entre o universo judaico-cristão e o universo mitológico pagão. Na visão equivocada do padre, os elementos espiritual e sensual não poderiam se coadunar. O primeiro, hipervalorizado, estaria intimamente ligado ao seu universo religioso. Já o segundo, altamente depreciado, seria próprio da outra esfera. Faltava-lhe entender que o amor seria o agente responsável por estabelecer o ponto de equilíbrio, haja vista que uma espiritualidade sem amor, como aquela até então por ele praticada, é infrutífera e nada condizente com o sentido da palavra que ele pregava. Por outro lado, a sensualidade desacompanhada de amor seria igualmente estéril e sinalizaria a autodestruição do desejo. Não é sem razão que o coração do Jovem Pescador se tornou alvo de disputa quando se efetivou a cisão. O coração, enquanto representação dos atributos do amor, interfere tanto no corpo quanto na alma. Essa consciência é somente adquirida pelo padre quando recebe a notícia de que a natureza havia se encarregado de sinalizar, por meio de flores “brancas”, que simbolizam paz e pureza, o lugar onde jaziam os corpos que, de acordo com suas ordens, deveria permanecer secreto. Agindo na contramão dos intentos do sacerdote, a natureza, ao brindar o infértil Campo dos Pisoadores com um extraordinário buquê de flores, legitima e sublima a união amorosa de seres marcadamente distintos.

**OBRAS CITADAS**

ANDERSEN, Hans Christian. “A sereiazinha”. *Contos de Andersen*. Trad. Olívia Krähenbühl, 1992. 19-50.

———. “A sombra”. Flávio Moreira da Costa, org. *Os Melhores Contos Fantásticos*. Trad. Augusto Alencastro et al. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. 381-392.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário Mítico-etimológico da Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1991.

BRAVO, Nicole Fernandez. “Duplo”. Pierre Brunel, org.. *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekind et al. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2000. 261-288.

CHAMISSO, Adelbert von. *A História Maravilhosa de Peter Schlemihl*. Trad. Marcus Vinícius Mazzari. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

LURKER, Manfred. *Dicionário de Simbologia*. Trad. Mario Krauss e Vera Barkow. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MORIN, Edgar. *O Homem e a Morte*. Trad. João Guerreiro Boto e Adelino dos Santos Rodrigues. Mira-Sintra: Publicações Europa-América, 1988.

RANK, Otto. *O Duplo: um Estudo Psicanalítico*. Trad. Erica Sofia Luisa Foerthmann Schultz et al. Porto Alegre: Dublinense, 2013.

WILDE, Oscar. “O pescador e sua alma”. *O fantasma de Canterville*. Trad. Maria Cristina Schleder de Borba et al. Porto Alegre: L&PM, 2008. 114-152.

———. *Obra completa*. Trad. Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.

**ON THE TRACK OF THE MEN WITHOUT SHADOW: A READING OF “THE FISHERMAN AND HIS SOUL”**

ABSTRACT: This work aims at analyzing the short story “The fisherman and his soul”, by Oscar Wilde, under the perspective of the double. The text of Wilde recovers a theme whose roots lie in the mythological consciousness of ancient peoples: the shadow as personification or equivalent of the human soul. In this short story, the separation between body and shadow/soul will result in serious consequences for the protagonist: a young fisherman, belonging to the Jewish-Christian universe, who falls in love with a mermaid, a being coming from the pagan mythological universe.

KEYWORDS: Oscar Wilde; short story; double; shadow

Recebido em 1 de dezembro de 2013; aprovado em 30 de dezembro de 2013.